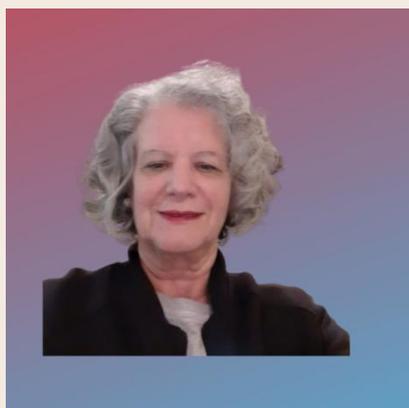


The background of the title section is a photograph of two wrapped gifts on a rustic wooden surface. One gift is wrapped in yellow paper with a white floral pattern, and the other is wrapped in plain yellow paper. Both are secured with yellow string and have small white tags attached. The text 'UM PRESENTE DE CINCO CONTOS' is overlaid on the right side of the image in a large, bold, black, serif font.

# UM PRESENTE DE CINCO CONTOS

**Marcia Borges**

2020



## **Apresentação**

**Faz tempo alguns amigos pedem que eu publique meus escritos. Sempre relutei, muito por minha "desordem" particular, texto espalhado por todo canto. Também por minha incapacidade de cumprir alguns rituais, tais como lançamento, propaganda e outros procedimentos que a publicação de um livro demanda.**

**Diante da possibilidade de fazer e-books, eu me animei. Não preciso sair da minha "toca". Na verdade, minha quase caverna viu-se preenchida pela dedicação de cuidar da minha permanência em lugar amoroso, pois daqui mando presentes para os queridos e, também, para os que venham a conhecer um pouco do meu universo poético.**

**Os contos deste e-book guardam um certo suspense. De formas diferentes, as histórias vão sendo impulsionadas por algo que se insinua gradativamente na narrativa.**

**As ilustrações, presentes na abertura de cada conto, são reproduções de telas de August Macke (1887-1914), um pintor alemão com fortes traços expressionistas, e de quem sou admiradora. Apesar de ter morrido jovem, durante a Primeira Grande Guerra, ele deixou-nos uma vasta e belíssima obra. Espero, assim, que vocês apreciem o livro como um todo. Jiddu foi imprescindível na escolha do layout, na concretização dos sonhos.**

**Dedico "Um presente de cinco contos" às amigas**

**Eugênia, Margareth, Marilza, Marta e Sônia.**

**Somos um grupo que semanalmente se encontrava para juntas passarmos horas maravilhosas. O momento atual não nos permite a companhia física, mas nada é capaz de abalar o carinho que nos une.**

## **Índice**

<b>A dona dos figos .....</b>	<b>5</b>
<b>Matilde veio comigo .....</b>	<b>16</b>
<b>Atrás daquele amarelo .....</b>	<b>19</b>
<b>Suspeitas iniciais .....</b>	<b>23</b>
<b>Uma história difícil .....</b>	<b>34</b>

## A dona dos figos



Procurar a barraca do Arquimedes era um programa certo todas as quintas quando a feira de Copacabana armava-se a duas quadras de casa. Um prazer passear por entre as barracas, ouvindo um comentário aqui, uma chamada ali. A feira livre era sempre um carnaval. Pessoas de todos os tipos, em bloco, num desfile de cores e odores.

Quanto mais cedo, maior era o frescor das mercadorias, a animação daquela gente. Assim como as piadas brotam em geração espontânea, os gracejos dirigidos aos fregueses tinham originalidade e sabor, por vezes, até meio ácido como o de uma mexerica tirada do pé um pouco fora do tempo. Afinal, não se espera que um senhor fique contente em ser chamado de pai de sua própria mulher, e, também, não há madame feliz ao ouvir elogios, ao menos em público, às suas formas avantajadas.

Falemos um pouco do Arquimedes. Um sujeito curioso. Um galanteador recatado, um come-quieto como costumam dizer os de Minas. Era incapaz de atrair as freguesas com gritos, nada de cortar suas frutas em pedaços e quase meter por guela a dentro da morena que buscava sua banca. Não, Arquimedes dizia assim:

- Moça, respire fundo aqui, assim, pertinho das maçãs.... Que tal? Ah, deu vontade de morder, né?! Perdoa agora o pobre Adão?

Sorria e um alvo teclado surgia junto com o cerrar dos olhos apertadinhos no semblante simpático.

Arquimedes tinha um quê de português, atarracadinho, mãos peludas em um braço curto e musculoso, desenhado talvez pelos anos a carregar caixas, arrumar sua mercadoria. Aliás, era meticuloso com o arranjo das frutas. Sabia valorizar o ponto certo de cada uma, parecia aprontar a cena para que um cavalete ali se postasse diante de uma sedutora natureza morta.

A característica marcante do meu amigo, entretanto, era sua facilidade de tecer comentários, fazer observações as mais variadas, contar história em raras palavras. A gente nunca sentia que estava perdendo tempo ao conversar com ele.

Numa dessas quintas, avistei as frutas do Arquimedes e logo, em destaque, uma suculenta caixa de figos de Valinhos, como eles apregoam em prol da qualidade. Tive uma vontade incontrolável de roubar um e pagar por minha própria gula. Adiantei a mão em direção à fruta saltitante, mas fui estancado pela voz grave do dono:

- Não, essa não! Está reservada.

Fui assim repentinamente impedido de pecar. Mas, como se costuma dizer que o assassino sempre volta à cena do crime, na semana seguinte, deparei-me de novo com os tentadores figos e, dessa vez, aproveitei a distração de meu amigo para pegar a caixa em destaque e colocar na minha sacola. Que nada! Arquimedes parecia figura mitológica, daquelas que os olhos estão por todo canto. Virou de imediato e tirou os figos de minha mão, alegando:

- Desculpa, mas esses são para Dona Lilian Aranha Guillon.

- Nossa, Arquimedes! Que nome pomposo é esse?! - indaguei, brincando.

- O senhor nunca ouviu falar do Comendador Guillon?

- Não, não tive essa sorte pelo visto.

- Pois é, ele é bem conhecido aqui na feira. Mais ainda, a esposa. Uma senhora elegantíssima, fina, sabe?! E não tem nariz em pé. Pelo contrário. Compra sempre aqui comigo e às vezes até pede uma fruta de quebra...

- Ah, desconfio que essa madame aí é a única que come os verdadeiros figos roxos de Valinhos...

- Que nada, doutor! Os figos são os mesmos para todos. Apenas deixo reservados os dela porque o comendador é quase um viciado na fruta. Faço questão de não a deixar na mão.

- Tá certo, Arquimedes. Tá certo! Você com sua lábia...

Na semana seguinte, ao chegar para comprar minhas frutas...Quero interromper um pouco. Sou louco por fruta-do-conde e manga, mas não deixo de comer outras, sobretudo as da estação, para variar ao máximo minha dieta

Não sei como o Arquimedes consegue frutas tão selecionadas. As pinhas, como minha mãe chamava as do conde, estão sempre no ponto e perdidamente saborosas.

Agradeço primeiro a D. João VI a graça de tê-las no Rio, pois o rei amava tanto a fruta que a encomendou a um agrônomo francês pouco depois da chegada da família real por aqui. Aliás, ela foi plantada ainda no século XVII em terras baianas pelo Conde de Miranda, fonte de inspiração para o batismo da majestosa fruta. Saboreio essas curiosidades, portanto as compartilho.

Continuando nosso relato, na outra semana, assim que me aproximei da barraca do Arquimedes, espichei os olhos à procura dos figos da tal dona. Eles estavam assentados ao fundo, de modo a não serem alvo de curiosidade alheia. Mas não é que o olhar do feirante cruzou com o meu em pleno vôo? Não trocamos palavras. Selecionei uma caixa dos figos que estava à minha alçada, pedi outras frutas e me dei por quase satisfeito.

Só para não deixar de remarcar, na semana que sucedeu a esse episódio, a caixa de figo da eleita desapareceu. Já não marcava sua presença incômoda aos meus olhos. Confesso que me sentia uma criança em um jogo de esconde-esconde. Cheguei a lembrar de algumas situações vividas com meu pai em outras feiras.

Nem sei como explicar mas aquelas pequenas atitudes do Arquimedes aguçaram minha curiosidade e ir à feira, que desde muito fora uma diversão comparável à que sentia ao ir ao circo, ganhou um toque quase investigativo. Eu diria que ele, como uma sereia, puxava-me para acompanhar seus manejos. Os mistérios anunciam-se entre pombos e pomares. Eu pressentia estar diante de um.

O acontecimento relevante da semana seguinte foi o inesperado encontro com Mme. Guillon. Já deixava o papo com Arquimedes quando um perfume se sobrepôs ao de todas as frutas. Olhei para trás e, para meu espanto, presenciei o seguinte diálogo:

- Oi, Lílian querida! Há quanto tempo! Como vai? E o nosso comendador?

- Todos em paz, querida! Puxa, estou cheia de pressa. Só passei aqui rapidamente para pegar os figos dele. Você conhece a tara, né?! – disse rindo.

- Claro, claro! E sempre os do Arquimedes!

- Os melhores... Quando faltam, recorro às compotas. Lucinha, passa lá em casa para um café. Que tal na próxima quarta?

- Enorme prazer!

- Bem, beijos, amiga. Preciso mesmo ir.

Não pude deixar de reparar que a distinta senhora era dona de um corpo muito bem cuidado, malhado como se diz agora, e posso afirmar que meu olhar, dirigido à região onde mais se concentrava a abundância, chocou-se com os de diversos outros varões que por perto estavam. A patroa era poupada dos assédios costumeiros daqueles homens vorazes provavelmente graças à comenda de seu afortunado maridão.

O mais interessante disso tudo é que a tal convidada, a Lucinha, era minha vizinha de porta e também uma amiga até de confidências. Gostei da coincidência e pensei que um dia qualquer puxaria assunto sobre a tal Lílian.

Infelizmente uma viagem afastou-me por três semanas de meu cotidiano e, conseqüentemente, dos encontros com Arquimedes e também com Lucinha. De volta, pude matar a saudade dos hábitos: meu café das quatro, os passeios com meu cachorrinho pela vizinhança, meus peixes e frutas comprados na feira.

Assim que cheguei à minha barraca, notei que a fruta do comendador já não mais figurava entre as demais. Passara a época, mas, mesmo assim, não contive a vontade de alfinetar o barraqueiro.

- Hum, pelo visto, a senhora do comendador não usufrui mais de seus privilégios... Foram-se os figos.

Meu susto foi grande quando Arquimedes, com as feições contidas, de pronto respondeu:

- Não fale assim, doutor! Não está sabendo?

- Não, sabendo do quê?

- A madame ficou viúva. O comendador, coitado, faleceu. Faz três dias. Deu no jornal e tudo.

- Não me diga, Arquimedes! Ele tinha idade? Morreu de quê?

- Era novo ainda. Bem, era conservado. Acho que tinha sessenta e poucos mas parecia um cinquentão. Ele se tratava. Morreu de repente. Deve ter sido mal do coração.

- É... O coração é sorrateiro. A gente pensa que está tudo bem, mas ele nos trai.

- O corpo dele foi para São Paulo. Acho que vão examinar. Toda a família é de lá. Morava só com a madame aqui. Nem filhos os dois tinham. Era carioca por escolha, ela sempre dizia.

- Gente de grana assim é mais complicado mesmo porque deixa herança, seguros. Muitas vezes há interessados no meio.

- Verdade!

- Arquimedes, mudando de assunto. Sempre tive vontade de perguntar. Você estudou até que nível? Falo isso porque percebo que você se expressa bem, parece...

- Cheguei a começar faculdade, doutor. Deixei no segundo ano. Queria ser farmacêutico.

- Farmacêutico? Alguma razão especial?

- Houve sim. Influência de um tio muito querido que era dono de farmácia. Ele vivia me incentivando a estudar para continuar o negócio. Nem sei se por isso, ou mesmo por vocação, fui excelente aluno de matemática e química.

- É, Arquimedes, você é um sujeito inteligente antes de tudo. Seus dotes vão além disso. A gente até nota por sua maneira de administrar a barraca.

- Obrigada, Sr. Mateus! É uma honra essas palavras vindas do senhor, um homem culto, estudioso.

Não quis voltar à morte do comendador até mesmo para não ficar patente meu interesse pelo assunto. Naquele momento, tive vontade de abraçar Arquimedes e foi isso que fiz. Senti que havia entre nós mútua admiração e o abraço foi caloroso.

Contudo, deixei a feira naquele dia com um pensamentozinho desses que ficam lá no fundo corroendo: que intuição era essa de que algo unia Arquimedes à agora viúva Guillon? Será que eu estava me tornando um bisbilhoteiro camuflado por sutileza e elegância que eu chamava de interesse investigativo?

Afinal de contas, quem sou eu para investigar alguém? Minha vida foi direcionada para a leitura, a pesquisa. Um mundo em que a abstração, as hipóteses, não afetavam imediatamente a vida das pessoas. Serviam quase sempre para confirmar idéias, uma construção intelectual à primeira vista bastante afastada do real. Sou um professor universitário vivendo de uma aposentadoria que precisa ser complementada com alguns extras. Nunca me sentira atraído pelo mundo do crime, muito menos demonstrara dotes de detetive.

Na verdade, o comportamento de Arquimedes em relação aos seletos figos da madame foi o que detonou o desejo de melhor conhecer sua personalidade. Unir alguns traços que eu já havia notado anteriormente a partir dos nossos costumeiros encontros semanais. Talvez meu interesse tenha sido ampliado graças à referência que ele fez, na ocasião, à mulher do comendador e, depois, à coincidência de testemunhar que a tal Lílian, diga-se de passagem uma bela mulher, era amiga da Lucinha. Isso abriu um caminho para visitar o universo que unia meus dois personagens.

O final de semana chegou e no sábado pela manhã, como de hábito, conectei meu notebook para ler as notícias online. Que susto! Na primeira página do mais importante jornal do Rio, vejo uma foto de Lílian Guillon junto à seguinte chamada: Viúva Guillon não está só na herança. Cliquei logo o link para a página que trazia completa a notícia e comecei a ler com curiosidade. As principais informações eram, primeiro, que surgiu um rapaz dizendo-se filho bastardo do morto e, depois, que a perícia levantava suspeita sobre a morte do comendador. Não parecia ter sido natural.

Que bomba, pensei! Assim que terminei de ler a notícia, lembrei que poderia tentar falar com a Lucinha. Não fiz outra coisa. Fui até a porta e toquei a campainha. Ela atendeu de pronto. Com sua simpatia acolhedora, foi logo perguntando se eu queria acompanhá-la em um cafezinho. Não fiz cerimônia. Entabulamos um papo, como sempre agradável, e lá pelas tantas puxei o assunto da morte do comendador.

Lucinha já estava a par dos acontecimentos. Senti-me à vontade com ela. Tínhamos intimidade suficiente para tangenciar a fofoca. Foi o que aconteceu. Ela me contou que o casamento dos dois vinha-se degradando. Lílian sofria demais com o comportamento do marido. O comendador tinha, o que se costuma dizer, duas caras. Um sujeito polido no mundo social. Um troglodita em casa. Mais de uma vez ela fora vítima de agressões, pois ele

era doentiamente ciumento e não raro inventava histórias absurdas em que ela se comportava como uma vadia.

Lílian via nisso uma forma de excitação perversa. Além do mais, se alguém ali tinha motivo para ciúme, era ela. Mesmo sem procurar, ficava sabendo dos casos e envolvimento do marido com garotas de programa e diziam até que ele era também chegado a um rapazinho. Algumas vezes eram deixados presentes para o comendador na portaria. Ele dava a desculpa de que eram apenas em agradecimento aos muitos favores que prestava a conhecidos.

Lílian confessou à amiga que o convívio estava tão insuportável que até rezava para que o marido se envolvesse mais fortemente com alguém e a deixasse de vez. O medo dela era grande de tomar a iniciativa da separação.

Além de cumprir suas obrigações como dona de casa, a maneira que encontrou para trazer um pouco de prazer para sua vida foi buscar a companhia de amigos, envolver-se com suas leituras, assistir a seus filmes e dedicar-se à fotografia, um hobby que vinha-se transformando em atividade quase profissional. Graças ao incentivo de alguns conhecidos, fizera cursos com fotógrafos conceituados e conseguira realizar duas exposições muito bem vistas pela crítica. Sua preferência era flagrar expressões corporais, semblantes.

A última vez que estiveram juntas, contou para Lucinha que recebera convite para acompanhar jornalistas e documentar artisticamente entrevistas com pessoas em destaque. Estava entusiasmadíssima mas temerosa da reação do marido quando lhe contasse.

- Sabe, Mateus, cansei de aconselhá-la a denunciar aquele crápula à polícia. Disse que ela deveria procurar uma delegacia de mulheres, fazer um exame de corpo delito, mas tinha medo demais das represálias do marido. Conhecia sua personalidade como ninguém e temia que ele fizesse mal não a ela mas a algum familiar seu em São Paulo. Vou contar um segredo, amigo: você acredita que o bandido uma vez mandou aqui pra casa um buquê de rosas vermelhas com declaração de apaixonado?! Juro, Mateus, nunca dei a menor confiança pra aquele safado.

- Que absurdo! Mas, amiga, tenho uma curiosidade. Por que ela era tão dedicada a ele depois disso tudo? Não entendo o cuidado semanal com os figos de primeira qualidade, escolhidos a dedo pelo Arquimedes.

- Ah, você pensou o mesmo que eu. Um vez eu fiz a mesma pergunta e ela me respondeu de imediato:

- Querida, foi uma maneira que encontrei de ir à feira todas as semanas e manter minha amizade com o Arquimedes. Ninguém sabe disso, você será a única. Conheço o Arquimedes não é de hoje. Fomos colegas no segundo grau em uma escola de Campinas. Reencontramo-nos aqui, por pura coincidência, e nossa amizade só tem crescido desde então. Ele é gentilíssimo, um verdadeiro amigo.

- Hum, agora entendo em parte as atitudes do feirante. As coisas começam a clarear para mim. Intuí que havia algo mais entre eles do que uma relação cliente-freguesa.

- É mesmo, Mateus? Você é danado de observador. Eu nunca veria por esse ângulo. Só estranhei, como você bem disse, o cuidado excessivo com um marido que em nada merecia.

Lucinha e eu ainda trocamos algumas outras figurinhas sobre o casal, o casamento, o Arquimedes, mas creio que pouco relevantes para serem contadas aqui. Despedi-me de minha amiga e aproveitei para caminhar pela praia a fim de curtir um sol e ver gente nas ruas. Durante o passeio, não consegui abandonar aquela trama e fantasiei muito acerca do caso. Isso se explicava talvez pela cabeça desocupada de um coroa aposentado. Cheguei a repetir o velho ditado: cabeça vazia é oficina do diabo.

Os dias foram passando até que, na véspera da feira, ao entrar na página do meu provedor para ler meus mails, mais uma vez me deparei com notícia sobre a morte do comendador. Informava que os exames periciais concluíram que ele fora assassinado, mais precisamente envenenado. E, o pior de tudo, a principal suspeita era a mulher. É verdade que nada havia de concreto para incriminá-la, mas a gente sabe como costuma ser esse tipo de imprensa. Logo aproveitam para tornarem públicas todas as frágeis conjecturas. Alegavam que, em princípio, a maior interessada na morte era ela, uma vez que, até então, constava como a única herdeira. Em relação ao suposto filho bastardo, ainda não tinham os resultados dos exames de DNA.

A quinta amanheceu chuvosa e pensei em não ir à minha feira, mas a curiosidade falou mais alto. Queria ver a reação do Arquimedes diante disso tudo. Valeu a pena não deixar de ir. Meu amigo pareceu-me também desejoso de comentar os acontecimentos da semana.

- Doutor, o senhor viu que estão acusando a pobre da dona Lílian pela morte do comendador? Um absurdo! Ela seria incapaz de matar uma mosca...

- Vi sim, Arquimedes. Bem, acredito em você, mas não tenho como dar palpite nisso. Afinal, para mim, ela era apenas a dona dos figos. A privilegiada, ou melhor, privilegiado, em tese, era o comendador, por poder degustar aquelas preciosidades.

Disse isso em tom de gracejo, tentando quebrar o clima meio pesado, mas o feirante parecia envolvido demais na questão para entrar na minha brincadeira.

- Sabe, Sr. Mateus, estou muito preocupado com a situação dela. Gostaria mesmo de ajudá-la mas nem tenho como. Ela foi para São Paulo. Serviria de testemunha, sei lá. Via sua dedicação ao marido, sua gentileza, delicadeza, todo seu jeito de ser. Impossível imaginar que mataria quem quer que fosse.

Tenho uma queda pelos ditos populares. Aqui um deles se aplica: Deus está em todas as coisas e o diabo nos detalhes. Senti sinceridade nas palavras de Arquimedes. Por outro lado, não perdia de vista seus figos. Eles agora se abriam na minha frente quase como uma prova do crime. Pode parecer insano mas imaginei que o envenenamento do comendador poderia ter sido planejado e executado em parceria: a dona e o fornecedor de figos em conluio. Senti-me cruel. Precipitado demais pensar assim mal de um amigo! Tudo ainda era tão incipiente. A voz de Arquimedes me chamou à realidade.

- Doutor, agora nem posso conversar mais a fundo com o senhor. Queria muito ter essa oportunidade, sabe? Queria sua opinião sobre algumas coisas...

- Tudo bem, Arquimedes. Pode contar comigo sim. Se der, passo aqui no final da feira. Tá bom pra você? Noto que está abalado com esse crime.

- Ótimo, doutor. Acabo por volta das 15 horas, ok?! Se o senhor puder, agradecerei demais.

Eu podia ter dado para ele o número do meu celular. Em outra ocasião teria feito isso, sem titubear, mas confesso que tive receio. Será que eu deveria me envolver nessa situação? Não estaria buscando sarna para me coçar?

Percebi em mim um traço meio paranóico, tive medo de que as possíveis confidências de Arquimedes acabassem por me colocar no meio de um caso policial. Sabe-se lá se ele não desconfiava de mim? Eu dera importância demasiada aos figos e à sua dona. E se o veneno estivesse mesmo neles e o feirante supusesse e desconfiasse disso? Assim, não apareci na feira como havia mais ou menos combinado.

No sábado procurei Lucinha de novo. Ela também estava a fim de conversar sobre o caso do comendador. Ficara surpresa demais com a descoberta de que ele fora envenenado. Temia pela amiga.

- Mateus, tenho medo de que a Lílian tenha feito uma bobagem mesmo.

- Olha, amiga. Nem sei o que dizer, mas sabe os figos do Arquimedes? Será que era neles que punham o veneno?

- O Arquimedes envolvido nisso?! Acho que não. Para dizer a verdade, duvido que a Lílian tivesse interesse na herança do comendador, sabe? Se chegasse a matá-lo seria para se livrar daquele bandido. O pior é que esses detalhes da personalidade do morto nem saem na imprensa, né?

- Nem poderiam. Quem sabe além dela? E agora não seria nada aconselhável ela revelar, isso a incriminaria ainda mais.

- Só rezo para que ela não tenha perdido a cabeça. Não tenha feito essa loucura.

- Amiga, o Arquimedes quer conversar comigo em particular, cheguei a combinar por alto com ele de passar lá no final da feira mas achei melhor não ir. Seja completamente sincera comigo. Nem de leve você desconfiou algum dia que eles pudessem ter algo mais que uma amizade?

- De verdade? Nunca desconfiei, mas sei lá. Ela é bonita, elegante, bem de vida. Pode ter despertado nele outros interesses. Por outro lado, ela estava tão carente de afeto. Ele é um cara sedutor, galanteador até. Só posso dizer que ela nunca me contou qualquer envolvimento, interesse por alguém.

Bebemos umas cervejinhas juntos para relaxar, jogamos conversa fora e nos despedimos sem mais voltar ao assunto assassinato. Acho que era uma maneira de buscar paz.

Se repudiamos a violência, se tememos de certa forma sermos vítimas dela, não podemos também deixar de reconhecer que algo nos atrai quando a imprensa obsessivamente nos massacra com informações mínimas e insistentes sobre os crimes que envolvem, sobretudo, pessoas conhecidas de nossa sociedade.

No caso da dona dos figos, por estar bem próximo a mim, senti-me atraído pela isca. Diariamente procurava novas revelações. Foi o que ocorreu na segunda-feira. Divulgaram que o rapaz que reivindicava paternidade era mesmo filho do morto com uma ex-empregada da família, no tempo em que o comendador ainda morava com os pais. Tinha, portanto, direito incontestável à parte da herança. Isso poderia ser uma ironia caso Lílian fosse mesmo a autora do crime, desejando o dinheiro do marido.

A quinta-feira chegou e pensei duas vezes antes de ir às minhas costumeiras compras. Resolvi que iria mas manteria um certo afastamento do Arquimedes. Criei uma historinha para justificar a falta e, mais ainda, para não comprar minhas frutas como de hábito. Conte para o feirante que na tarde da quinta anterior precisei sair para resolver negócios e, mais ainda, acrescentei que descobrira estar com sintomas de diabetes e que meu médico havia recomendado uma dieta rigorosa, inclusive, a suspensão temporária das frutas, das quais, segundo ele, eu vinha abusando demasiado.

Notei que Arquimedes ficou bastante frustrado e conteve-se, evitando estender assunto. Lamentou a possibilidade de eu estar diabético e desejou-me boa sorte.

As investigações sobre a morte do apreciador de figos prosseguiram e a grande novidade foi a informação de que o veneno administrado ao comendador fora uma dose única e letal de estricnina. A polícia suspeitava que a vítima comera figo ou chocolate envenenados.

Se assim era, Arquimedes talvez estivesse mesmo inocente. Ao menos, a idéia de uma morte planejada lentamente, com veneno semanal nas frutas, estava fora de cogitação. Agora a coisa se complicava mais para o lado da viúva. Ela poderia ter mesmo chegado a um nível de tortura silenciosa que a única solução foi matar o marido pela boca.

Um fato novo surgiu. O porteiro do prédio em que o casal morava informou à polícia que, no dia anterior ao assassinato, o comendador havia recebido uma caixa de bombons entregue por uma moça que estava com alguma alergia, ou algo assim, na testa, porque ela toda hora passava a mão no machucado, tirando os cabelos de cima. Os bombons tinham a embalagem de uma renomada loja de chocolates do bairro. Esse dado foi decisivo para os detetives seguirem a pista do suposto assassino.

Não deixei de ir à feira, mas optei pela hora da xepa. Lá encontrei Arquimedes com ar mais aliviado, já preparado para desarmar sua barraca. Logo ao me cumprimentar, disse:

- Veio mais tarde hoje?

- É verdade! Uma maneira de me redimir. Assim podemos conversar um pouco como você me havia pedido.

- O doutor está acompanhando o caso do comendador? Parece que Dona Lílian vai ser inocentada. Graças a Deus! O senhor não sabe como estava abalado com a situação dela...

- Uma amiga em apuros deixa a gente mesmo mal.-- Doutor, conheço Dona Lílian de muito tempo. Cursamos o segundo grau juntos. Por sorte nos reencontramos aqui. É uma mulher generosa. Além de comprar sempre comigo, não deixava de mandar presentinhos para os meus meninos. Mas vou contar para o senhor um segredo que me fez sofrer ainda mais nesses dias. Conto porque sei que morrerá entre nós dois.

- Obrigada pela confiança, Arquimedes!

- Confesso ao senhor que agora o segredo é mais fácil de ser revelado. Depois que descobriram que o comendador foi envenenado por um bombom de figo, provavelmente.

- É mesmo o que a polícia suspeita.

- Sabe, doutor, a Lílian não era feliz no casamento. Não vou entrar em detalhes, só preciso dizer isso porque ela me pediu um grande favor e não tive como negar. Os figos daquelas caixas eram mesmo exclusivos. Eles continham um sonífero. Ela precisava sair à tarde para um trabalho que começara recentemente a contragosto do marido. Como ele sempre comia figos de sobremesa, foi a saída que ela arranjou de fazê-lo prolongar sua tradicional sesta. Assim, colaborei para que ela pudesse ter paz por algumas horas. Sabia que não estava causando mal algum ao comendador, mas confesso que morri de medo de ter errado a dose do remédio e ter sido involuntariamente o co-autor do assassinato.

- Que história mirabolante, Arquimedes! Imagino a sua apreensão... Nem adianta dizer agora que você errou feio, né? Já deve ter percebido. Poderia estar em uma encrenca.

- Com certeza! Mas digo para o senhor, pelo que a Dona Lílian me contou, outras pessoas tinham interesse em acabar com a vida dele. Não era flor que se cheire.

- É... Vamos ver o que a polícia descobrirá...

- Bem, confio na palavra de minha amiga e sei que ela não assassinou o marido.-- Melhor assim. Que pague o culpado!

Saí dali tão aliviado, Arquimedes nem fazia idéia. Nunca saberá que eu cheguei a desconfiar dele como cúmplice e amante da viúva. Um pouco de vergonha me invadiu naquela hora. Sua confiança em me contar aquilo tudo só me fez vê-lo com um homem digno, além de leal amigo.

Dias mais tarde, todos os jornais estampavam a verdadeira autora do crime. Era uma ex-amante do comendador. Chegaram até ela por intermédio do cartão de crédito utilizado pela secretária do seu escritório na conhecida loja para comprar os bombons. Por sorte, a vendedora, moça observadora, notou que a cliente que tinha um machucado na testa era

canhota e manchou o papel ao assinar a via. Assim, foi fácil chegar até ela e, conseqüentemente, a quem encomendara a compra.

Como sabia do quase vício do comendador por figos, a ex-amante arquitetou a vingança: enviar-lhe uma caixa de bombons recheados com a deliciosa fruta, mas com um detalhe: salpicados de estricnina.

Contudo, o motivo do assassinato não foi passional como logo imaginou a polícia. Ela matou o comendador porque o “monstro”, como fez questão de frisar, tentara molestar seu filho adolescente e só não conseguiu o intento porque ela o pegou em flagrante.

No final das contas, só tenho um ponto a lamentar. Vi a dona dos figos uma única vez e de relance. Ela não voltou mais de São Paulo. Resolveu morar perto da família. Não raro me pego a fantasiar outros encontros entre nós. Dia desses, já deixando a barraca do sorridente Arquimedes, cheguei a sentir o perfume dela. Ele se misturava ao das frutas e me vi saboreando-o. Não me sinto à vontade para comentar isso nem com a Lucinha.

## Matilde veio comigo



Era noite do dia 8 de abril e saímos para jantar num renomado restaurante de Lisboa. Não pensem que minha memória anda tão bem a ponto de guardar a data de um dos inúmeros jantares de viagem. Não, eu fui consultar minhas postagens para saber exatamente o dia em que estive com Matilde. Aqui o nome é fictício. A ficção nasce nos contornos da memória.

O restaurante é bem amplo. É um espaço tradicional, com cardápio rico, sobretudo, em bacalhau. Um salão com muitas mesas e quase todas ocupadas. Isso é sempre uma boa sinalização para mim. Difícil manter casa cheia em tempos de modismos. E os que ali estavam pareciam à vontade, como fregueses que se sentam para as conversas costumeiras.

Antes de escolher o prato, minha amiga e eu, concordamos que deveríamos experimentar os bolinhos de bacalhau da casa, acompanhados do vinho sugerido pela senhora que nos atendia. Ela se mostrou acolhedora desde nossa chegada.

Foi o primeiro bolinho de bacalhau com gosto de bacalhau, feito com bacalhau, que eu comi em terras portuguesas. Não vou falar das decepções. Prefiro falar de cachorros. Não estranhem a entrada deles aqui, neste momento.

Eu me lembro que ela, Matilde, a senhora que nos atendia, tem um, de porte médio, penso que sem raça definida, porque não se tocou nisso. E é com ele que anda todas as manhãs. Com ele, provavelmente, como a maioria dos donos de cães que saem a passeio, vive bons momentos, apreciando o entorno. Por certo troca algumas palavras com pessoas que gostam dos bichos e outras que também os têm.

Não me perguntem como cheguei a saber do amor de Matilde por seu cão, nem mesmo como soube-lhe da existência. Acho que ele foi o início, o ponto de partida para a consentida intimidade entre ela e nós.

Isso é muito comum entre os donos de cães. Sem saberem nem mesmo os respectivos nomes, trocam sentimentos fortes, íntimos até, enquanto os caninos se cheiram e fazem xixi e mais xixi, em série, num vaivém como se fazia no tempo das trocas de cartas entre amigos. Quem sabe um jogo de frescobol?

Sobre essa facilidade de revelar intimidades dos donos de cães, chego a pensar que se deva à aparente falta de linguagem dos bichos. Acostumados a conversar com eles, como se ocupassem um lugar de silêncio, continuam nas ruas a desconsiderar a existência do interlocutor.

Se ouvissem, lessem, as respostas de seus companheiros em casa, talvez diminuíssem seus monólogos também pelas calçadas.

Mas voltemos a Matilde. Os elogios que fiz aos bolinhos, infelizmente, não foram repetidos quanto ao meu prato. Minha amiga teve a sorte de poder estender sua satisfação. Eu, à primeira garfada, provei todo sal de Portugal.

Fiquei constrangida de ter que chamar a gentil senhora para reclamar do prato. Não tive opção. Mas fui surpreendida pela forma como reagiu diante da minha insatisfação. Imediatamente recolheu meu prato, desculpou-se e até me agradeceu por ter exposto meu descontentamento. Era a única maneira de manter o atendimento de excelência que sempre desejam.

Diante dos elogios de minha amiga ao bacalhau que estava comendo, resolvi encomendar o mesmo. Matilde, muito rápida, pediu licença, diante da fatura do prato, à minha amiga para servir-me com o que ainda estava na bandeja, enquanto preparavam meu novo pedido.

Não ficou por aí. Voltou um pouco depois com uma garrafa do vinho que bebíamos e ofereceu-nos nova taça como forma de reparo ao incômodo. Em seguida, disse: provei o bacalhau na cozinha. A senhora está plena de razão. O cozinheiro errou feio. Salgadíssimo.

E a intimidade alargou-se. Não me perguntem como, não me peçam fios para essa meada. Quase, ao final do jantar, Matilde veio à nossa mesa saber se estávamos bem, se tínhamos algum pedido. Disse que se ausentaria por uns poucos minutinhos para fumar um cigarrinho lá fora.

O que acabo de narrar seria mais do que suficiente para justificar a vinda de Matilde na valise das minhas belas recordações de viagem. Mas não seria possível explicar o abraço que nos demos de despedida.

O abraço abriga o olhar que não descrevi e que guardei silencioso desde que Matilde nos trouxe o cardápio. Fugi dele desde o princípio.

Fugi antes de saber o que Matilde nos iria revelar naquela noite. Eu vi nos olhos dela uma represa. O pressentimento da onda quando é ainda um desnível mínimo na água, que volta e vai se misturando à nova vaga. Até crescer e bater forte na beira e ser absorvida pela areia.

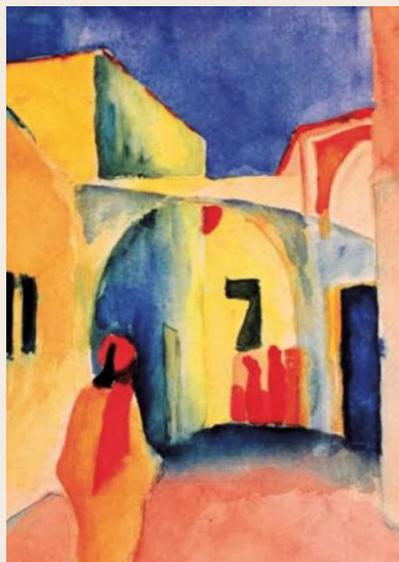
Eu tive esperança de que, à medida que fosse contando a noite em Lisboa, iria ver facilitado meu caminho até Matilde, seu fado.

Tenho familiaridade com cães mais do que com suicidas. É mais fácil falar de amor retribuído do que da suspensão, das eternas dúvidas contidas nas questões que nos repetimos intensamente, mais uma vez, assim como o mar batendo nas pedras. O que faltou?

O amor não é um corpo ausente na casa de Matilde. Não consegui continuar a navegação pelos olhos dela quando nos contou que um dia, como qualquer outro, deparou-se com o corpo do companheiro, de dez anos de vida em comum, suspenso no ar, apertado por uma corda.

Assim trago Matilde, num abraço dado em Lisboa. Nos latidos do coração. Num laço apertando a memória.

## Atrás daquele amarelo



Meses depois de tudo que aconteceu, diante desta tela negra, pretendo, afinal, documentar um pouco do que veio a modificar definitivamente minha vida. Minha história não seria esta se, naquela sexta-feira, eu não tivesse resolvido caminhar um pouco pelas ruas ao sair de minha dentista meio irritada com os efeitos da anestesia. Foi quando vi saltar o nome da loja que até aquele dia não existira para mim: Selva. O letreiro era atraente, não por ser criativo, mas pelo tom único do verde das letras e também por elas, sem muito rebuscamento, sugerirem galhos de árvore, folhas, enfim, serem até um pouco redundantes. Pensei imediatamente em atravessar e ir fazer uma visita àquele aparente reino, ou oásis, que se plantava no meio de uma outra selva, a das áridas esquinas do centro.

Pretendia comentar sobre minha cidade, contudo, concluí não ser relevante, pois talvez a ausência de pormenores seja até conveniente para, de alguma forma, aproximar minha vida das de tantas outras pessoas que, apesar de muitas críticas à péssima qualidade do mundo urbano, persistem em manter seus pés fincados na terra onde seus corações tenham sido semeados.

Não quero ser prolixa. Retomemos os passos em direção à Selva. Lembro perfeitamente a primeira sensação, o momento da entrada: pura sinestesia. O mais bizarro, entretanto, é o cheiro que penetra minhas narinas e chega à minha boca. A mistura não me permite distinguir se algum dos dois se sobrepõe pela intensidade. Eles se mesclam, e, nitidamente, sinto que há harmonia, o que me traz uma sensação muito prazerosa. Minha pele manifesta um certo estremecimento e a luminosidade que vem do interior é branda mas não incapaz de permitir a nítida percepção das formas, cores, contornos, sombras, de todas as peças que se expõem naquele espaço aparentemente reduzido, mas que se expande, sugerindo continuidade.

Cheguei a imaginar que a lojinha era daquelas que têm duas entradas, unindo ruas paralelas. Foi uma percepção ilusória. Talvez porque ela fosse mais estreita do que o de costume. Ao fundo, o que me pareceu uma abertura, ou mesmo um espelhamento, era apenas uma parede de vidro semifosco, com pouco reflexo, porém capaz de captar tons de um suave azul emergido de uma singela luminária assentada no canto.

Em meio a tantos estímulos, fui irremediavelmente puxada para um ponto: aquele amarelo. O amarelo que escorria dos olhos do pássaro negro, o meu anfitrião. Havia nele não um tom de acolhimento, mas o que de mais fascinante pode guardar um véu, o instigador convite ao desvelamento. Depois de me sentir, por instantes, repentinamente engaiolada naquela sedução, ordenei à minha cabeça que desse uma volta, e foi quando meu olhar caminhou e estancou em um senhor que se postava a poucos passos de mim. Um homem nada especial, não fosse o íntimo tom de sua voz unido às suas singulares palavras:

- Aqui se engendra tudo o que se imagina. A senhora tem algum desejo?

Elas me chamaram muito a atenção. Jamais algum atendente a mim se dirigira daquele modo. Parecia saído de um circo, ou algo assim. Eu, que sempre busco os olhos da pessoa com quem converso, não estranhei que ele estivesse usando óculos escuros ali dentro. Hoje percebo que não podia mesmo ter buscado os olhos daquele homem, eu ainda estava atada aos do pássaro negro em todo o seu amarelo.

Foi com um sorriso e bom humor que respondi à pergunta dele.

- Tenho muitos, meu senhor, mas nenhum deles eu poderia encontrar, muito menos comprar, em uma loja. Sem querer desrespeitar, é claro, a gentileza de seu oferecimento.

Ele, por sua vez, manteve a elegância, e acrescentou:

- Deixo-a à vontade, senhora, para que possa constatar, tranquilamente, a veracidade do que digo. Solicite-me quando queira!

E ele se retirou para o fundo da loja, onde, diante da parede de vidro havia um espaçoso balcão de madeira.

Um pouco inibida pelo esdrúxulo diálogo, passei rapidamente os olhos pelo restante da pequena loja, e pude destacar uma gaiola maior que guardava um pássaro. Notei ser ele de um vermelho bastante intenso. Também fui atraída por uma outra, pendurada mais ao alto, onde pulava divertidamente um miquinho de pelos bem reluzentes. Ainda mais distante, percebi uns três ou quatro pequenos aquários com seus delicados peixinhos.

É fácil constatar que ofereço mais detalhes sobre o que apreendia através do olhar. Isso não significa, entretanto, que diminuía a sensação de que adentrara um universo que aguçava simultaneamente os meus sentidos. O odor, que se assemelhava a um misto de perfume secamente amadeirado com um forte toque de folhas sugestivamente verdes, mesclava-se com o gosto indescritível que minha língua procurava definir. Não posso deixar também de remarcar que, o tempo todo, diversos sons penetravam em mim, fazendo-me sentir bem distante das transitadas ruas que ali tão perto corriam.

Não tive vontade de prosseguir à procura de novas descobertas ou mesmo de me alongar com aquelas criaturas. Acenei brevemente para o senhor, em gesto de despedida, e caminhei para a saída. Estava de costas para o pássaro negro, mas não conseguia abandonar a impressão provocada por aqueles olhos encharcados de amarelo.

Caminhei umas duas quadras, em direção ao estacionamento em que deixara o carro, mas era como se não estivesse mais lá. Sentia-me invadida por muitas sensações. Lembro-me de que cheguei a comparar com o que algumas vezes vivera ao fim da leitura de um livro muito especial. O desejo de não abandonar aquele mundo, de transportá-lo intimamente para além da última página, para um sítio resguardado das horas. E ali quedar encantada.

Infelizmente os efeitos de minha visita à Selva não foram todos tão prazerosos como poderiam julgar. Na semana que se seguiu àquela privilegiada experiência, não consegui escrever sequer uma linha do livro que estava para terminar. Faltavam-me apenas dois contos para finalmente estreitar como contista de mistério. Apesar de ter tido uma razoável facilidade na criação das demais tramas, agora me via imobilizada, vagando pela indefinição, tanto para traçar minhas personagens, como para lhes dar alguma voz. Não raro, corria pela lembrança aquele riacho amarelo da ave negra e um composto de enlevo, angústia, fascínio, encarcerava-me.

Chegou o dia de minha volta ao consultório dentário. Não minto quando afirmo que o motivo maior para deslocar-me até o Centro deixou de ser os cuidados com minha boca. Eu só pensava em visitar a lojinha. Rever o pássaro negro, e quem sabe fazer algumas descobertas sobre aquele amarelo?! Visto por este ângulo, fui bem-sucedida em minha empreitada. Além de passar um tempo maior invadida pelo caudaloso amarelo do meu pássaro negro, fui apresentada a um outro dom da criaturinha. Seu canto era um violino. Sem floreios, batizei-o de meu Paganini. Também pude colher observações preciosas sobre outros habitantes da Selva. Na verdade, descobri que cada um daqueles mimos guardava uma peculiaridade, um ponto ímpar em seu corpo. Alguma característica que tremendamente lhe aguçava a beleza.

Não posso deixar de salientar a simpatia do atendente, que descobri ser o dono daquele bazar das maravilhas. Ele, além de me reconhecer, mais uma vez mostrou-se gentil e solícito. Trocamos algumas palavras sobre o amor pelos animais. Daí pulamos para outras amores, e afinidades, inclusive a admiração pelo mundo das artes. Ele confessou ser um leitor voraz e um conhecedor do folclore de diversos povos árabes, aos quais deve sua origem. Ainda que o clima fosse muito amistoso, e mais uma vez meus sentidos ali harmônica e magicamente afluíssem, havia em mim um desconforto, um risco de angústia durante os minutos compartilhados com os habitantes daquele mundo tão à parte. Ficou também uma estranha constatação: o dono daquele império dos sentidos não tirava os óculos escuros.

Depois do retorno à Selva, alguns dias correram sem que meu trabalho avançasse uma linha. De algum modo eu atribuía meu silêncio à excessiva riqueza sensorial provada naquele espaço. Não tive dúvidas, fui em busca de algo a consertar e também do amarelo

trinado do meu Paganini. Gosto de muitos ditos populares e, embora eles nem sempre possam ser confirmados no real, certamente perpetuam o mais visceral do saber das gentes. Colhi um deles para ilustrar o que preciso revelar: atirei no que vi, acertei no que não vi.

Assim aconteceu comigo. Na minha terceira visita ao insular mundinho da Selva, encontrei-a sem seu dono. Fui chegando, chegando e percebi uma intensidade maior de luz vinda por detrás do vidro. A curiosidade sempre é meu motor. Já estou além do fosco vidro, da falsa parede. Estanco diante do inacreditável. Numerosas gaiolas povoadas por idênticos olhares amarelos orquestralmente organizados. Comandando as inúmeras réplicas do meu Paganini, com uma batuta na mão, o dono da Selva tenebrosamente rege o afinadíssimo trino de suas criaturas. No fundo do palco, diversos compartimentos com excêntricos seres.

Saí dali aos tropeços, e, quando entrei no carro, ainda tinha o corpo trêmulo. Durante horas só senti o vazio da perplexidade. Não conseguia compartilhar a experiência com ninguém. Seria necessário primeiro sobreviver àquela tempestade de raios amarelos. Começou um longo período de inatividade literária e de reclusão existencial.

Os questionamentos permanecem, o mistério imenso. A incapacidade de relatar o que vivi naquele instante, e nos meses que sucederam, acirra mais e mais a minha impotência. E as páginas deste penúltimo conto, todos os dias, são apagadas. Provavelmente também jogarei no lixo isso tudo que acabo de escrever. Mas não o farei agora. Decidi. Vou voltar à Selva mais uma vez, como dizem: sempre se volta à cena do crime. Uma questão tomba sobre minha cabeça: terei forças para testemunhar tanto horror nesta Terra?

## Suspeitas iniciais



Rara era a noite em que minha mãe não aparecia no quarto para chamar minha atenção.

- Filho, por que luz acesa até essa hora? Lendo ainda?

Via a maçaneta mover lentamente e ela entrava para me beijar, desejar uma boa noite. Eu, às portas da faculdade, e ela a me ver como menino. Eu recolhia o livro que rapidamente havia deitado sobre a coberta e colocava-o em uma prateleira próxima à cama. Isso se repetiu algumas vezes e nunca tive certeza se ela chegou a saber da existência clandestina das minhas revistas sempre prontas a abandonar a cena para os austeros livros.

Numa dessas manobras de troca de objetos, acabei por começar a ler as primeiras linhas de um livro de contos policiais que uma tia dera-me de Natal.

- Para o intelectual da família! Sua mãe sempre comenta que você lê muito, não passa uma noite longe da companhia de um livro. São contos policiais, espero que goste. Prendem nossa atenção demais! Adoro o autor e quero emprestado depois porque ainda não li esse.

Não sei se porque gostava muito dessa minha tia, respeitava suas opiniões, ou se por ter sido fisgado logo nas primeiras páginas, a leitura do livro foi deliciosa, instigante. Li quase sem parar e fiquei com vontade de também pedir emprestado os outros livros que ela dissera ter do mesmo autor.

Foi o que fiz. Liguei para ela a fim de agradecer o presente tão bem recebido e aproveitei para propor uma troca. Ela adorou a ideia e, no fim de semana seguinte, em casa de meus avós, fizemos o combinado.

Dali em diante, um novo vício somou-se ao das proibitivas revistas. Não ficava sem um policial à cabeceira. Passei a visitar os sebos, com razoável frequência, à procura de preços mais acessíveis. Descobri novos autores dos quais me tornei assíduo leitor. Além disso, minha tia foi ficando ainda mais próxima, pois era com ela que trocava figurinhas. Gostávamos de discutir as personagens, o ritmo e articulação da trama, nossas sensações diante dos desfechos. Enfim, passávamos um bom tempo usufruindo e prolongando nosso prazer inicialmente solitário.

O tempo passa. O vício se solidificou. Agora adulto e já trabalhando, as visitas aos sebos eram muito mais constantes. Aguardava também o lançamento dos livros do Garcia-Roza, para passear filosófica e prazerosamente por Copacabana com o nosso Espinosa.

Em uma dessas idas ao sebo, deparei com uma lombada que me chamou atenção. O título do livro parecia escrito a carvão. Puxei-o. A capa era singela: a ilustração de um rosto meio andrógino com poucos traços, algo como uma caricatura em crayon. O fundo era branco, esfumado em alguns pontos, sobretudo na região que contornava os cabelos da figura. Apesar de um pouco empoeirado, estava em ótimo estado de conservação e, além da rubrica da provável ex-dona, havia alguns detalhes que me faziam pensar que a escrita era feminina. Na primeira página, escreveram uma data (23/07/93), e anotações com letra firme.

Vaguei por outras prateleiras, mas conservei o tal livro embaixo do braço. Senti-me fortemente motivado a comprá-lo. À sugestiva graciosidade da capa, somou-se o desejo de ler aquelas anotações. Imaginei que elas integrariam as conversas com minha tia.

Meu final de semana estava em parte planejado. Passei em uma delicatessen e comprei umas latinhas de cerveja, um salaminho bastante apimentado que descobrira com eles, um saboroso pão preto alemão, pistaches e duas barras de um marzipan com cobertura de chocolate belga.

Ah, os vícios! Eu me tornei um adicto dessa irrecusável guloseima! Mas me consolava, ao saber, em conversa com a vendedora, que um famoso ator de TV passava semanalmente na loja para comprar uma caixa, isso mesmo, 24 barras de marzipan que eram consumidas em menos de 7 dias, apenas por ele. Um caso de homeopática eutanásia!

Ao sair dali, não aguentei e desfiz o embrulho do livro só para ver algumas das anotações feitas com caneta tinteiro, como me pareceram. Li a primeira delas e percebi que tinha sido escrita por alguém espirituoso e crítico. Decidi, no entanto, não dar corda à minha curiosidade, porque a antecipação dessas considerações poderia interferir negativamente na minha leitura. Só não pude deixar de notar um mapa de ruas traçado nas páginas finais e junto dele alguns algarismos que julguei ser o número de um telefone. No tal rabisco de ruas, estava assinalado um ponto, como se a pessoa estivesse passando um endereço.

Pensei com os meus botões: a privacidade da gente pode tão fácil vir à tona. Como aquele livro chegara a um sebo? Será que sua dona imaginou um dia que alguém teria acesso a essa pequena parte do seu mundo? Mistérios assim são mais difíceis de serem desvendados do que as tramas dos melhores autores de policiais.

No dia seguinte, um sábado da mais perfeita primavera carioca, acordei cedo. Fiz uma caminhada à beira-mar e voltei para casa pensando em começar minha leitura ainda no final da manhã. O almoço estava pronto na geladeira, bastando esquentar no micro, coisa que, provavelmente eu faria pelo final da tarde, se o fizesse. A cerveja, os tira-gostos, além, é óbvio, do meu livro, não deveriam dar lugar a mais nada.

Meu esquema estava pronto, minha cadeira de balanço deslocada para a varandinha, quando tocou o telefone. Era titia. Tive enorme prazer em contar para ela sobre meu achado e comentei, inclusive, o detalhe da existência de muitas anotações provavelmente instigantes ao longo das páginas. Ela desejou-me boa companhia e convidou-me para o almoço de domingo. Assim, ficou acertado de eu estar com a família no dia seguinte.

Vou adiantar: as anotações tomaram a cena. O livro não era ruim, ao contrário, a autora tinha estilo, era perspicaz, sabia conduzir bem a narrativa, jogando com facilidade com o tempo. Contava a história de crianças de rua e policiais envolvidos com o crime

organizado. Um tema bastante atual. Mas quem disse que isso foi capaz de me empolgar? Sentia-me atraído pelas iscas que me afastavam daquela ficção para entrar no convidativo território de um outro imaginário.

Preciso deixar mais claro o que ocorreu comigo. À medida que avançava na leitura, fui derrapando em conjecturas a propósito da ex-dona do livro. Havia momentos em que percebia a nítida intenção de uma narrativa paralela. Minha grande dúvida: será que essa segunda escrita, produzida à margem, era fictícia ou seria uma tentativa de mandar uma espécie de recado, passando sub-repticiamente informações de um momento angustiante que vivia?

Fugindo ao meu controle, a programação para o sábado sofreu alteração incidental. Um casal amigo, que se mudara para o Canadá fazia alguns anos, estava de passagem por aqui e outros amigos em comum combinaram uma recepção surpresa. Sabiam que eu costumava estar em casa aos sábados, fizeram convite em cima da hora. Confesso que com pesar adiei a continuação de minha aventura policialesca.

Valeu a pena ceder, a turma era muito divertida. Tínhamos um contador de piadas nato e rimos demais com seu novo repertório. Ele exagerava nos detalhes, que se tornavam uma marca de estilo. Como estávamos por ocasião da Copa do Mundo, o povo já gozava nosso técnico-anão por sua cabeça dura e eterna cara de zangado.

- Vocês não sabem?! Dizem que ele tem problemas com craque....

Bebi mais vinho do que o costume, não tinha de dirigir, não me preocupei. Voltei de carona com uma amiga que, ainda no clima do encontro, começou a contar algumas de sua diarista. A última dela tinha sido na semana anterior:

- Sabe, Dona Verônica, um acidente “arripilante”, o trânsito ficou parado. Aí, o motorista da nossa van pegou a borla, tão linda! Tanta gente na praia...

Deixemos as gracinhas. Quero contar logo o meu domingo. Não comentei antes mas no dia anterior decidira que iria começar minha manhã dominical um pouco diferente. Caminharia pelas ruas da Glória e do Catete. O motivo da mudança de itinerário? O tal mapa assinalado nas últimas páginas do tesouro encontrado no sebo. O número, que lá também aparecia, infelizmente não era de um telefone em funcionamento. Ao discar, ouvi mensagem para verificar se estava correto. Resolvi que visitaria a rua e tentaria identificar o endereço em destaque.

Acordei não muito cedo, tomei meu café e passava pouco das dez quando entrei na garagem. Fui de carro até o Largo do Machado, estacionei e segui a pé pelas ruas do Catete. Nunca imaginei que teria tanto a admirar. Na Glória, depois de atravessar sua tradicional feira de domingo, entrei por ruas com edificações magníficas. A vida da minha cidade plantada nos antigos casarões, com seus portões de ferro ricamente bordados. Lembranças do prazer de Machado de Assis ao descrever o percurso de suas personagens pelo nobre bairro ao seu tempo. Senti um pouco de arrependimento e vergonha pelo menino que se queixava de ser obrigado a ler Machado e, pelo homem, que teimava em desconhecer aquele lado do Rio, tão pitoresco e, ao mesmo tempo, tão significativo para sua gente.

A cada passo, uma parada para melhor observar os detalhes arquitetônicos do casario. Não foi nada difícil, como pensara, encontrar a casa marcada no mapa. Tratava-se de uma bela mansão do final do século XIX. Parecia meio abandonada. Isso era percebido pelo estado dos jardins que a rodeavam por completo. Essa situação incentivou-me a buscar informações com o porteiro de um edifício em frente. Aproximei-me do tal senhor com simpatia, elogiei a beleza da casa e comentei:

- Parece meio abandonada. Uma pena, não é? Quem serão os donos?

- Dizem que foi vendida para uma imobiliária e aí vão construir um grande condomínio.

- O senhor chegou a conhecer os antigos donos?

- Conheci sim. Tinha pouco tempo de trabalho aqui quando a dona morreu. Jovem ainda, uma mulher linda, educada, falava com a gente sempre sorrindo quando saía para passear com seu cachorrinho toda manhã. Dizem que foi morte estranha, de repente. O coronel não casou outra vez. Viveu alguns anos aí sozinho com os empregados e, quando morreu, um filho dele herdou a casa e logo vendeu.

- Faz muito tempo isso, a morte da mulher?

- Ah, moço, foi em 93, mais pro fim do ano. Sei porque comecei aqui no mesmo ano, no comecinho de 93.

- A dona era artista? Você disse que era linda...

- Não. Diziam que ela só fazia ler. Tinha um cachorrinho e não fazia nada, nada. Só ler e escrever, eu acho. Vida de madame mesmo. O nome dela era Antônia, isso me lembro. O coronel era chamado de Costa Brava.

É verdade o que as pessoas comentam. Gente para falar demais é porteiro. Conta a vida das pessoas com a maior facilidade. Sabem de tudo. Sei apenas de uma coisa, as informações que ele me passou deixaram-me perplexo, intrigado, confuso sobretudo.

Antônia Costa Brava. A rubrica que aparecia na página inicial do livro poderia ser perfeitamente as iniciais dela. ACB. O ano em que ela morreu, informado pelo porteiro, era o mesmo que constava junto ao mapa. Além disso, parecia que ela tivera uma morte suspeita.

Comecei a supor que minhas hipóteses estavam-se confirmando. Não era mais uma loucura pensar que aquelas anotações representavam um pedido de ajuda de alguém que se via ameaçado e tentava comunicar seu drama usando o meio que lhe fora mais fácil durante toda a vida: escrevendo em um livro. Será que eu estava próximo de desvendar um crime ocorrido há quase 20 anos? Será que o Ele que aparecia sempre em maiúsculas, representando o possível assassino, referia-se ao coronel, seu próprio marido? Tudo fazia sentido e essa lógica me apavorava.

Estava atordoado com esses pensamentos quando dei pela hora em um desses relógios eletrônicos de rua. Quase 3 horas da tarde. Eu saíra mesmo da realidade. Caramba! A família devia estar louca à minha procura. Uma das minhas qualidades apreciadas por todos era a pontualidade. Se, por algum motivo, precisasse romper o combinado, ligava para justificar meu futuro atraso. Procurei o celular no bolso e foi quando lembrei que o havia deixado no carro. Estava com roupa de caminhar, sem dinheiro, sem documento, apenas com as chaves no bolso. Só me restava andar o mais rápido possível até o carro e ligar imediatamente para tia. Foi o que fiz.

Não serei o último a confirmar a lei de Murphy. O celular estava sem bateria. Nada a fazer senão ir direto à casa de tia no Leblon. Em resumo, quando lá cheguei, a família estava em polvorosa. Por volta das duas da tarde, cansaram de tentar entender meu atraso. Ligaram inicialmente para minha casa, entrou secretária eletrônica. O celular dava na caixa postal e depois fora de área. Possivelmente quando a bateria arriou. Isso foi suficiente para o pânico ir-se instalando. Afinal, estávamos no Rio, onde uma bala perdida, um sequestro relâmpago, um assalto com arma, eram mais comuns e plausíveis do que um atraso meu. Imaginem a vergonha que senti. Não tive coragem de dizer a verdade: revelar o nascimento de um detetive de terceira categoria. Eles me chamariam de lunático, repetiriam o chavão: isso é resultado de ler muito. Tem gente que acaba no hospício por isso. Ainda mais quem lê

livros policiais um atrás do outro. Achei melhor a desculpa de ter ido ajudar um amigo em uma situação de emergência. Enguiçou na Linha Vermelha, uma dificuldade imensa para conseguir reboque. Perdi noção do tempo e a bateria do celular aprontou o resto.

Minha estreia como detetive foi desastrosa. Só me restou passar o final da tarde com eles para me redimir. Nem preciso dizer que a vontade era de voltar correndo para casa e terminar a leitura daquele livro enigma. Isso só foi possível pelo início da noite.

Assim que entrei na sala de casa, peguei-o e levei-o para o quarto. Tomei uma ducha fria, bebi um copo de leite de soja com algumas torradas e pulei na cama. Foram horas de quase decifração. Ao final, tinha formada minha hipótese para a qual buscaria reforço definitivo em duas fontes.

A primeira fonte a consultar foi a internet. Já pela madrugada, entrei no arquivo de um importante jornal carioca e lá revirei as notícias referentes aos crimes ocorridos na cidade durante o segundo semestre de 1993. Que susto! A data anotada no meu livro era a mesma em que ocorreu a Chacina da Candelária – fato tratado por alto no livro-enigma.

O massacre, cometido por policiais militares, deixou mortas oito pessoas, entre elas 6 menores. Um crime hediondo! Meu Deus! Tudo batia. As anotações eram uma tentativa de denunciar a participação do coronel Costa Brava. Pelo visto, sua própria mulher desejava vê-lo pagar pelo crime e por isso se sentia ameaçada de morte. Será que o coronel era o grande mandante daquele terrível acontecimento? Será que ela também fora calada por ele?

Precisava de mais informações. Ainda não era possível afirmar isso categoricamente. Seria muito perigoso. No dia seguinte, uma segunda-feira, antes de ir para o trabalho, passei pelo sebo em que comprara aquele detonador de tantas dúvidas. Procurei o Sr. Moraes e, com o livro na mão, perguntei:

- Sr. Moraes, sei que é quase impossível o senhor me informar isso, mas não custa tentar, não é?

- Sinta-se à vontade, meu rapaz. Ajudarei se puder.

- Por acaso, o senhor sabe de quem comprou este livro?

Ele tomou-o nas mãos. Olhou, abriu, viu a rubrica e com um largo sorriso disse:

- Que sorte a sua! São milhares de exemplares. Mas este é inesquecível. E faz muitos anos... Era de dona Angélica. Era roteirista de cinema. Fazia roteiros de filmes de suspense, crime. Quando me passou o exemplar, comentou que tinha muitas marcações nele por conta de um roteiro que ia escrever para um filme de um importante diretor brasileiro.

Ficou decepcionada porque o tal diretor, depois de tudo acertado, roeu as cordas. Ela queria fazer umas denúncias de participação de algum figurão em um atentado, mas ele achou muito arriscado e acabou escolhendo um outro roteirista.

- Ah, um certo coronel Costa Brava...

- Isso não lembro...

Todo o meu trabalho como detetive parecia rolar água abaixo. Uma informação apenas poderia destruir horas de uma construção sob o ar da imaginação. Eu tinha recebido o esboço de um roteiro.

Ele, percebendo minha nítida decepção, acrescentou:

- Só sei de uma coisa, moço. A pobre da dona Angélica deixou a cidade dias depois. Estava recebendo ameaças anônimas. Por isso eu disse que seria impossível esquecer esse livro. Falam que ela tinha medo de procurar ajuda da polícia e preferiu ir morar em Portugal. Sei lá, o povo gosta de inventar.

Imediatamente pensei no coronel Costa Brava. Fiz um esforço para não dar ali asas à imaginação. Preferi apertar a mão do Sr. Moraes com gratidão e concordar de fato com ele. Lembro-me ainda de minhas palavras:

- A imaginação corre solta nesta cidade onde a gente está tão próximo do crime...

Saí do sebo tentando compor a figura de Angélica. Estaria ainda viva? Teria continuado sua vida como roteirista?

Mas alguns passos e logo me vi saindo do país para não deixar morrerem minhas suspeitas. Encontrá-la talvez fosse a chave para desvendar inicialmente dois crimes hediondos. A morte de Antônia e a dos meninos da Candelária. Possivelmente o coronel era uma das pontas do iceberg na construção da milícia que se estabeleceu na cidade como poder paralelo.

Mas havia também nessa história uma 'coincidência' que intrigava. As iniciais gravadas no precioso livro: ACB. Serviam como abreviatura tanto do nome da suposta vítima como da roteirista. Uma peça solta no meu quebra-cabeça. Seriam a mesma pessoa? Seria Angélica um pseudônimo de Antônia? Haveria uma viagem para a Europa ou simplesmente mais uma queima de arquivo?

À medida que caminhava pelas ruas de Copacabana, aumentavam minhas questões. Surgiu uma via. Pesquisar nos arquivos da internet alguma fotografia de Antônia. Achei que não seria difícil uma vez que fora anunciada sua morte no mesmo ano da chacina, e o porteiro havia mencionado o fim do ano de 93.

Meu otimismo se confirmou em realidade. Dias depois do começo de minha procura, encontrei uma foto da mulher do coronel, publicada em um jornal por ocasião do anúncio de sua morte. Fiquei eufórico. O próximo passo seria visitar meu sebo preferido e mostrar a foto ao meu amigo livreiro.

Preciso dizer que, paralelamente à minha busca do retrato, mantive minhas conversas com minha querida tia. Ela, além de incentivar minha curiosidade, foi quem me deu a ideia de pedir ao dono do sebo alguma informação sobre Angélica, a roteirista.

Chegou o sábado esperado. Assim que entrei na livraria, avistei meu amigo atendendo alguém junto a uma das muitas prateleiras sempre tão organizadas e limpas. Enquanto o aguardava, confesso que bastante ansioso, folheei um belo livro de Jung, O homem e seus símbolos, que estava em destaque na banca de entrada.

O Moraes terminara seu atendimento ao cliente e, simpático como sempre, veio em minha direção cumprimentando-me. Minha ansiedade era tanta que, logo em seguida, tirei do bolso a fotografia impressa e perguntei-lhe se a conhecia.

- Claro! É dona Angélica! Como conseguiu a foto?

- A roteirista?

- Sim, ela mesma. Como quando vinha aqui, um pouco antes de viajar.

Fiquei estático. Antônia era Angélica. Tentei manter a calma, usando a técnica de controle da respiração. Apoiei minha mão esquerda no ombro do meu amigo e fui caminhando com ele até o balcão do fundo da loja. Perguntei se ele podia conversar um pouco sobre ela comigo, mas, em seguida, pedi um copo d'água. Ele atenciosamente foi buscar. Foi o tempo mínimo para tentar organizar minhas ideias e procurar me controlar. Os fatos davam realidade às minhas profícuas fantasias.

Precisava, então, como bem dissera minha tia, saber mais sobre "Angélica". Meu caminho era o Moraes. Precisava de alguma informação sobre ela, sua vida, mas não queria, ainda, tornar públicas minhas suspeitas.

A conversa com o livreiro foi rápida. Disse-lhe que, em minhas pesquisas sobre roteiro, assunto que andava estudando, casualmente havia encontrado essa foto de Angélica, um nome bastante conhecido da crítica e dos cinéfilos do final do século XX.

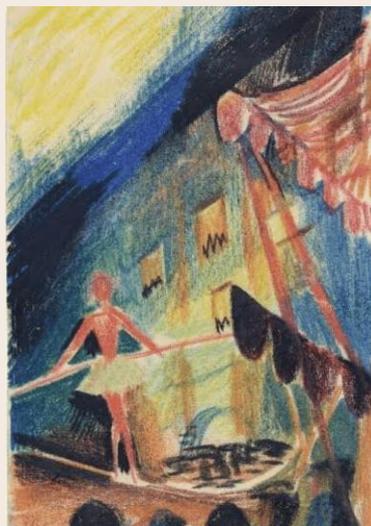
Comentei que tinha curiosidade em saber sobre a continuidade de seu trabalho. Moraes concordou comigo a respeito da qualidade do trabalho da roteirista e me deu, sem querer uma pista valiosíssima.

- De vez em quando vejo a irmã mais nova dela lá na Tratoria, aquela da Fernando Mendes, sabe qual? Elas moravam juntas numa cobertura daquele prédio antes do casamento da Dona Angélica. Fico com vontade de saber notícias dela, mas me sinto envergonhado. A irmã me conhecia pouco. E sabe-se lá o que aconteceu de fato, o motivo real da viagem.

Concordei em parte com a opinião de Moraes e aproveitei seu silêncio para anunciar que já era hora de me despedir.

Eu precisava saber se queria dar mais um passo ou apenas continuar minha vida de viajante-leitor.

## Uma história difícil



Resolvi há pouco, sem motivo aparente, contar uma história difícil. Tão difícil de ser contada que já faz pelo menos três anos que a vivi e até hoje não havia disposição para registrá-la.

Sendo sincera, perdi por completo a noção de quando ocorreu de fato. Sei que aquele dia nada guardava de especial até o toque do interfone na madrugada.

Como de hábito, cedo devo ter acordado, tomado meu café na companhia do Erick, meu cão, e saído para nosso passeio rotineiro. Devo ter acompanhado borboletas, procurado passarinhos, testemunhado cenas que me despertaram interesse. Tudo isso sem deixar de prestar especial atenção aos passos cadenciados do meu cão-príncipe, alquebrado pelos anos.

É quase certo que, ao voltar para casa, cuidei de alguns afazeres domésticos, e sentei-me para ler, perambular por universos reinventados infinitamente. Alguns poemas, por certo, fizeram parte desse dia qualquer.

E assim foi passando o meu cotidiano, com destaque especial para as 16 horas, momento em que preparo meu tradicional café. Dele gosto tanto que os minutos que o antecedem ganham graça e vigor por renunciarem um tempo do prazer.

Um café simples, com pão e manteiga, mas digno de um ritual. Raramente alguma outra guloseima tem lugar à mesa, quando muito uma geleia de fruta sem açúcar ou um queijo canastra. O de sempre basta e é esperado e apreciado.

A noite chegou e com ela provavelmente o tempo comum, de repetições e poucos instantes diferentes dos que completam o dia de uma quase sexagenária, moradora de Copacabana. Um pouco de conversa por telefone com amigos, um telejornal para acompanhar a vida lá fora, uma leitura, alguma música ...

Por volta das 23 devo ter deitado depois de me preparar para dormir. Não costumo demorar para cair no sono, embora dele saia facilmente durante a noite. Preciso de poucas horas de descanso para me sentir renovada.

Foi no meio da madrugada que tudo se transformou. Surgiu o tempo singular. Fui acordada com a sensação de algo caindo, um som forte, seco, surdo.

Ainda sem saber se sonhava, abri os olhos e tentei me situar. Isso foi como o tempo de espera do trovão depois de apreciado o raio.

Toca o interfone.

Tropeçando entre o sonho e a sandália, segui ziguezagueando até a cozinha. Assim que atendo, ouço o Leandro dizer:

- Dona Marcia, caiu uma moça aí na sua varanda.

- Como?

- É, lá do quarto andar.

Conseguem se colocar no meu lugar? Algum dia imaginaram viver algo assim? Confusa, totalmente confusa, perguntei:

- Caiu na varanda?

É preciso explicar essa pergunta. Na verdade, não tenho uma varanda. Fiz um puxadinho, como se costuma dizer, para aproveitar a laje que minha nova vizinha do térreo resolvera construir. Entrei em acordo com ela e me responsabilizei pela obra aqui no segundo andar, uma vez que minha vizinha de porta do 204 não quis estender seu apartamento.

Assim, a parte que lhe caberia da laje ganhou apenas um piso mas não foi coberta, como a do meu lado. Construí um pequeno muro divisório com porta para ter acesso ao lado de lá. Esses detalhes são importantes para compreender meu duplo espanto. Afinal, como alguém poderia cair na minha "varanda". Eu tenho um telhado. Provavelmente caíra do lado de lá.

Mas isso importou pouco. Na verdade estava perplexa por saber que uma moça caíra do quarto andar.

- Você já chamou socorro?

- Já liguei pros bombeiros. Devem estar chegando.

Meu coração? Uma britadeira.

Olhei pra mesa da cozinha e pensei: preciso de um Apraz. Foi mecânico: copo, água, comprimido pra dentro.

Em seguida, cruzei a sala, meu quarto, o pequeno escritório e parei diante da grande porta que dá para o puxadinho. Abri-a e estanquei. Será que está viva? Não demorou nada e ouvi gemidos.

Veio a tempestade: que faço? Será que posso ajudar? Será que está muito ferida? Caiu? Pulou? Foi jogada? Será que conheço?

Foi o tempo de ouvir novamente o interfone. Fiz o caminho de volta.

- Dona Marcia, os bombeiros chegaram. Eles vão precisar passar pelo seu apartamento.

- Claro! Podem subir.

Abri o meu apartamento e disse que entrassem. Acompanhei-os até a porta que dava passagem para a laje da vizinha.

Voltei para o meu quarto e sentei-me num sofazinho.

Tremia internamente. Eu era mil perguntas. Será que estava drogada? Um surto? Suicídio? Sobreviveria? Muito sofrimento?

Minha casa foi invadida. Eram muitos os que circulavam aqui. O porteiro, vários bombeiros e policiais. De repente, estão vindo com uma maca. Atravessam meu quarto e rapidamente percebo os cabelos longos e louros da vítima. Foi só o que vi. Ela continuava uma estranha para mim.

Poderia ser a moça que um dia, no elevador, pensei estar chorando.

Um policial aproximou-se e pediu meu nome, número do meu apartamento. Disse que, se fosse necessário, entrariam em contato. Tudo muito formal, sem desculpas, agradecimentos ou apenas consideração.

Meu apartamento estava novamente vazio.

Eu, inundada de fantasias. Até o sol nascer, quantas vezes eu me encontraria e me afastaria da moça que caiu?

Quantas versões surgiriam para justificar a queda? Quanto silêncio?

Pela manhã, ao entrar na área, avistei o telhadinho de alumínio do terceiro andar todo amassado e sobre a laje um solitário pé de sandália de salto bem alto.

**FIM**



**Ornitorrincobala Edições**

**Produção Gráfica  
JIDDUKS**

**Conheça outros livros de  
MARCIA BORGES**



**2020**